



FORMAÇÃO TALIESINIANA · APOSTILA 11



OS CICLOS DA NATUREZA

A Roda do Ano

As Marés de Poder

A chama, as estações e os oito sabás

Sérgio Lourenço



CERRIDWEN · AWEN · HERNE





O ano como caminho sagrado

O ano pode ser vivido como uma sequência de datas ou como uma Roda Sagrada. Na Wicca, oito celebrações sazonais oferecem uma maneira de acompanhar a transformação da natureza e reconhecer seus movimentos em nossa própria existência. Nascimento, desenvolvimento, apogeu, declínio, morte e renascimento formam um percurso contínuo.

A Bruxaria Moderna se inspira em referências pré-agríarias, agrárias e pré-cristãs, reconstruídas na experiência religiosa contemporânea. A celebração das mudanças naturais aproxima o praticante de um mundo em transformação. A relação entre Sol e Terra e a passagem das estações oferecem o pano de fundo dessas festas, chamadas sabás.

Celebrar a Roda inteira fortalece o vínculo com as forças mutantes da natureza. Cada encontro pode abrir um mistério diferente e participar do autoconhecimento e do desenvolvimento íntimo e psíquico. O valor da celebração não se limita a reproduzir uma data: inclui a disposição de conhecer o que aquele momento torna perceptível.

O contexto de vida também modifica essa experiência. Plantar e colher estiveram muito próximos do cotidiano das sociedades agrárias. Hoje, outras formas de produção e organização social alteram nossa relação direta com esses trabalhos. Os sabás conservam seus emblemas e também oferecem imagens para transformações interiores, nas quais a natureza espelha a dança que atravessamos.

A Tradição de Taliesin reconhece nessa Roda um mapa espiritual. Esta etapa apresenta sua estrutura, as quatro Marés de Poder e as polaridades divinas. O estudo seguinte aprofundará sua adaptação ao território brasileiro, mantendo a sequência e distinguindo o modelo simbólico herdado das particularidades de nossa paisagem.





Sabás, heranças e interpretações

Os nomes e narrativas dos sabás praticados na Wicca se relacionam ao contexto celta-germânico. Seu pano de fundo reúne a Deusa e o Deus nos processos de nascimento, vida, morte e renascimento. Esse núcleo pode dialogar com outras culturas e panteões, desde que a adaptação preserve o sentido ritual da celebração.

A fonte interpreta a cristianização de festas sazonais como uma maneira de favorecer a aceitação da nova religião. O Natal aparece nessa leitura como exemplo de sobreposição a celebrações pagãs. Essas relações históricas são apresentadas como interpretação do material autoral, sem reduzir a origem de cada festa a uma explicação única.

A palavra sabá também recebe diferentes hipóteses. Na discussão de Doreen Valiente citada na fonte, aparecem a noite de sábado atribuída às bruxas, o sábado sagrado do Judaísmo e a associação com Shabbathai, Saturno e o sétimo dia. O domingo é distinguido como primeiro dia da semana. A semelhança dos nomes, porém, não é tomada como prova de uma ligação direta entre a festa das bruxas e o descanso judaico.

A mesma discussão considera Sabadius ou Sabazius, associado a Dionísio e às celebrações de êxtase, dança e festa, como uma possível derivação da palavra. É uma hipótese apresentada por Valiente, não uma etimologia estabelecida aqui. A indicação de leitura corresponde à página 374 da edição de 2009.

O sentido dos sabás nesta formação permanece voltado à experiência sazonal e iniciática. Conhecer as interpretações de suas heranças amplia a compreensão, enquanto a prática convida a perceber os temas de cada momento e a relação entre aquilo que acontece no mundo e aquilo que amadurece em nós.





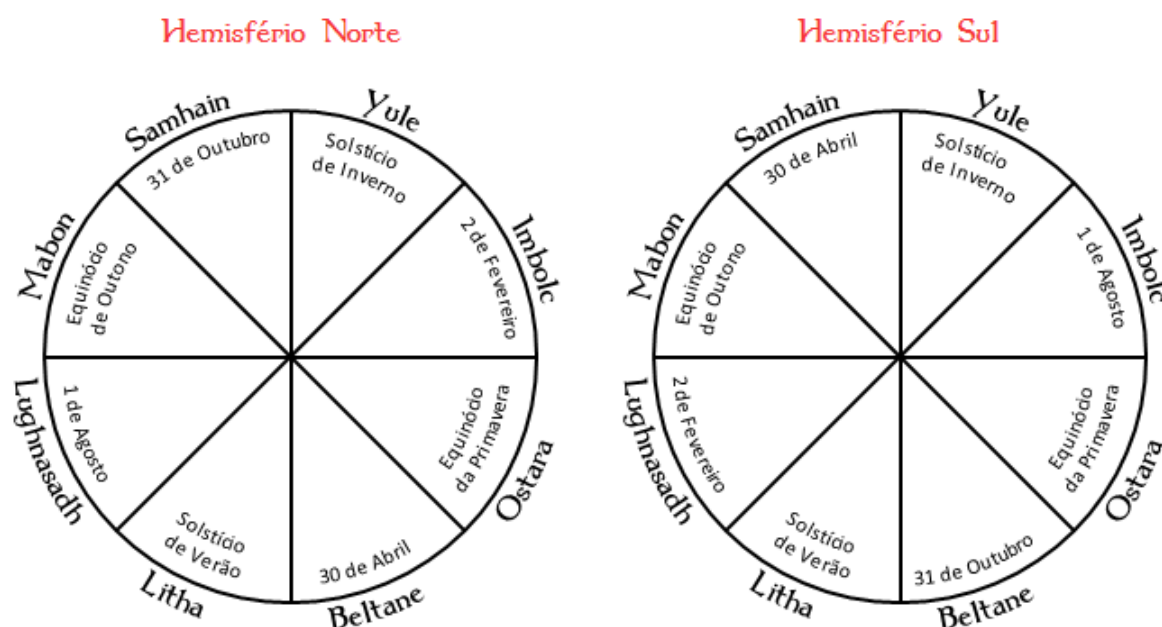
A arquitetura das oito celebrações

A Roda combina quatro marcos sazonais e quatro celebrações entre eles. Ostara corresponde ao equinócio de primavera; Litha, ao solstício de verão; Mabon, ao equinócio de outono; Yule, ao solstício de inverno. A fonte organiza primavera e verão como a parte ascendente do percurso e outono e inverno como sua parte descendente.

Beltane marca o apogeu e o declínio da primavera; Lammas, do verão; Samhain, do outono; Imbolc, do inverno. Esses encontros intermediários ajudam a reconhecer que cada estação possui movimento interno. A força chega ao auge e já prepara sua passagem para outra qualidade.

As celebrações se relacionam à estação vivida em cada hemisfério, embora a fonte reconheça que isso não constitui uma regra universal entre praticantes. O esquema mostra a mudança de posição das festas quando se acompanha o ciclo sazonal local. A relação Sol-Terra permanece como referência; o calendário ritual precisa ser compreendido nesse contexto.

O desenho reproduz o esquema da fonte. Suas datas fixas são referências desse mapa, não horários astronômicos anuais. A interpretação brasileira apresentada na próxima etapa utiliza algumas datas convencionais diferentes para os festivais intermediários.





Inverno · A Maré da Destruição

Hemisfério Sul · De 20/21 de junho a 21/22 de setembro.

Signos · Câncer, Leão e Virgem.

Portal · Norte, guardião da Terra.

O inverno conduz simbolicamente ao submundo da natureza manifesta. Casas, cavernas e profundezas interiores oferecem imagens de recolhimento. A introspecção aproxima o praticante da alma das coisas e favorece uma transformação anímica. A palavra destruição, nesse contexto, acompanha a dissolução e a revisão de formas que já não sustentam a vida interior.

A Terra recorda a firmeza e a dureza dessa estação. O encontro com sombras pede contato com a realidade, sem máscaras. A energia telúrica oferece sustentação para esse trabalho; a racionalidade ajuda a não se perder nas ilusões associadas ao submundo. Recolher-se também pode significar reconhecer os limites e o que precisa ser visto com clareza.

A fonte aproxima o inverno das almas que percorrem labirintos subterrâneos, guiadas por Deusas Velhas com tochas, imagens do fogo da consciência, ou pelo Deus de Chifres como Senhor da Morte. A Anciã, as Ceifeiras e os Deuses do Submundo exprimem velhice, finitude e preparação para o renascimento.

As limitações materiais do frio oferecem outra camada simbólica. Sem o amparo tecnológico e urbano, essa estação pode ser difícil e mortal. O recolhimento reorienta a atenção para a abundância espiritual e a esperança nas noites longas. A pausa reprodutiva de alguns animais também integra essa imagem de espera por condições mais favoráveis. Na escuridão, celebramos a luz que começa a ascender e a consciência que desperta.





Primavera · A Maré da Semeadura

Hemisfério Sul · De 21/22 de setembro a 20/21 de dezembro.

Signos · Libra, Escorpião e Sagitário.

Portal · Leste, guardião do Ar.

A primavera representa a emergência dos mundos subterrâneos para a superfície regeneradora. O recolhimento necessário à sobrevivência cede espaço à expressão. A energia criativa procura fecundar possibilidades, ampliando a vida para além da simples manutenção do que já existe.

O Ar traz leveza e fôlego depois da austeridade. A imaginação ganha espaço ao lado da racionalidade que ajudou a atravessar o inverno. Ela não se reduz a fugir do real: pode criar alternativas em situações difíceis. A inspiração abre horizontes, enquanto a Terra continua sustentando as raízes da árvore interior que agora precisa crescer.

Flores, brotos e animais férteis, como a lebre, representam a consciência que preenche um corpo renovado. O desaparecimento da neve nas paisagens do Norte oferece a imagem de um renascimento virginal. A fonte relaciona esse simbolismo à Páscoa cristã e a Ostara; essa aproximação é mantida como leitura religiosa de referências herdadas, não como afirmação de uma origem histórica única.

A juventude, a novidade e a beleza se expressam nas Deusas da fertilidade. As flores são aproximadas de formas receptivas à fecundação, e o pólen transportado por abelhas, borboletas, beija-flores e morcegos participa da continuidade da vida. A reprodução de muitas espécies acompanha esse movimento. A primavera celebra a expansão da luz e sua influência crescente, convidando o praticante a transformar a inspiração em possibilidades que poderão amadurecer.





Verão · A Maré da Colheita

Hemisfério Sul · De 20/21 de dezembro a 20/21 de março.

Signos · Capricórnio, Aquário e Peixes.

Portal · Sul, guardião do Fogo.

O projeto criativo da primavera encontra o trabalho que o realiza. A energia recolhida no inverno e expandida depois torna-se combustível para responsabilidades e empreendimentos. A luz e o vigor do verão oferecem imagens de uma força que precisa ganhar expressão concreta.

O Fogo recorda calor, labor e forja. A chama antes tímida alcança seu apogeu, ilumina o praticante e o que está ao redor. Essa imagem aproxima o amadurecimento interior do reconhecimento de nosso papel na interdependência da vida. O Sol, os dias longos e as noites curtas acompanham a potência de um trabalho que começa a produzir retorno.

Os raios solares, a terra seca, as sementes e os tons dourados compõem o simbolismo da estação. O fruto da cultura pode alimentar gerações futuras, enquanto o fogo se prepara para declinar no outono. A fonte associa as primeiras colheitas, sobretudo do trigo, às festas e fogueiras do Norte, relacionando sua herança às festas juninas trazidas ao Brasil pelo catolicismo.

Essa abundância simbólica precisa ser percebida junto às diferenças do território. O verão brasileiro pode trazer austeridade e escassez, especialmente nas regiões mais secas e atravessadas pela desigualdade social. A fonte também evoca Summer Land, a Terra do Verão, como imagem espiritual de plenitude associada à herança pagã.

A face Mãe da Deusa reúne compromisso, maturidade e trabalho. Cornucópias, arados e foices recordam que a abundância pede cultivo. As mãos do milho, dos pães e do fogo da cozinha guardam sementes futuras. Nutrir a vida inclui sustentar os instrumentos e o esforço que tornam a colheita possível.





Outono • A Maré do Planejamento

Hemisfério Sul • De 20/21 de março a 20/21 de junho.

Signos • Áries, Touro e Gêmeos.

Portal • Oeste, guardião da Água.

O outono convida a provar os frutos dos esforços anteriores. O declínio torna visível a passagem do tempo e envolve a experiência em nostalgia, mas também permite planejar o futuro. Aquilo que foi colhido precisa encontrar destino, e o que perdeu seu sentido pede elaboração e despedida.

A Água traz à percepção lembranças e conteúdos que permaneceram fora do foco no mundo objetivo. Sua purificação simbólica prepara o retorno ao Submundo: no encontro com morte e renascimento, as antigas posses e identificações não oferecem a mesma sustentação. Como espelho, a Água evoca os ancestrais e seus conselhos, às vezes ignorados na juventude.

O equinócio reúne uma imagem de equilíbrio entre dia e noite, agora no movimento descendente. A escuridão ocupa gradualmente mais espaço. As últimas colheitas se relacionam à morte e à iniciação da alma, conforme as correspondências do Hemisfério Norte que inspiram o modelo.

A Deusa assume a face Anciã, a Bruxa que atravessa o limiar entre aquém e além. As figuras sábias, como Baba Yaga na comparação da fonte, ensinam que viver também inclui morrer. O Deus de Chifres torna-se novamente Senhor da Morte. O oculto, o espírito e a magia abrem outras possibilidades de conhecimento.

O planejamento não se limita a organizar bens ou tarefas. Também pede perceber o que precisa ser encerrado e como honrar a passagem. A alegria pode participar de uma despedida concluída, sustentando a possibilidade de um reencontro. O ciclo se recolhe e prepara outra volta da Roda.





As quatro marés em relação

As Marés de Poder oferecem quatro qualidades para acompanhar o ciclo. Destruição, semeadura, colheita e planejamento não descrevem acontecimentos isolados: cada movimento prepara condições para o seguinte. A passagem revela uma alternância entre recolher, imaginar, realizar e integrar.

O Norte e a Terra dão firmeza ao encontro com as sombras. O Leste e o Ar abrem fôlego e criatividade. O Sul e o Fogo levam a energia ao trabalho e ao apogeu. O Oeste e a Água acolhem memória, purificação e revisão. Os Quadrantes estudados no Círculo também se tornam um mapa da experiência sazonal.

Os signos apresentados pela fonte acompanham as estações do Hemisfério Sul. A distribuição aqui preserva essas correspondências. Ela não altera os signos do zodíaco para fazê-los coincidir com a primavera do Norte: organiza a leitura da estação vivida neste hemisfério.

O quadro reúne as referências para consulta. Os intervalos são aproximados, conforme o material autoral, e não substituem a data astronômica de um ano específico.

Maré / estação	Portal	Signos
Destruição / Inverno	Norte · Terra	Câncer, Leão, Virgem
Semeadura / Primavera	Leste · Ar	Libra, Escorpião, Sagitário
Colheita / Verão	Sul · Fogo	Capricórnio, Aquário, Peixes
Planejamento / Outono	Oeste · Água	Áries, Touro, Gêmeos





O fogo e as polaridades divinas

Na Tradição de Taliesin, o fogo é o fio condutor da Roda do Ano. A chama no caldeirão da criação representa o espírito criador e transformador e une nascimento, maturidade, declínio e renascimento. Esse fogo aproxima a celebração sazonal do mistério já estudado em Cerridwen e Taliesin.

A Deusa e o Deus alternam seu predomínio ao longo do percurso, sem que uma das presenças desapareça. Nos sabás de Ostara, Beltane, Litha e Lammas, a energia da Deusa se destaca pela fertilidade, pela abundância e pela plenitude. Em Mabon, Samhain, Yule e Imbolc, o Deus ganha ênfase pela introspecção, pelo renascimento e pela renovação.

A Roda se inspira no modelo do Hemisfério Norte e acompanha as estações do Sul. Yule, por exemplo, passa a ser celebrado em junho, no solstício de inverno, enquanto Litha encontra dezembro e o solstício de verão. A adaptação mantém o sentido transformador ao aproximar a prática do ambiente em que é vivida.

O fogo participa de diferentes estados: retorna depois da escuridão, oferece inspiração, amadurece na vida fértil e acompanha o declínio. Seu sentido não depende de permanecer sempre intenso. A mudança da chama também ensina a reconhecer a energia própria de cada etapa.

Esse equilíbrio é dinâmico. Luz e sombra, nascimento e renascimento e as duas presenças divinas compõem uma dança. A Roda funciona como orientação espiritual para renovar a essência a cada estação, relacionando os arquétipos, a paisagem e o trabalho interior do praticante.





A expansão • Ostara a Lammas

Ostara • A Deusa desperta. A primavera oferece o emblema da fertilidade e do renascimento. A energia antes recolhida começa a se expressar. A celebração se relaciona ao crescimento da vida e à possibilidade de reconhecer o que deseja florescer.

Beltane • Paixão e união. A Deusa manifesta sua força criadora. O apogeu da primavera amplia a imagem de fecundação, vínculo e potência vital. Sua passagem reúne a vida em expansão e o movimento que prepara outras etapas do ciclo.

Litha • Plenitude. O Sol alcança o auge sazonal, refletindo o poder pleno da Deusa. O solstício de verão reúne o vigor e a abundância, enquanto a própria culminação abre a possibilidade do declínio. A plenitude pertence ao movimento da Roda.

Lammas ou Lughnasadh • Sustento. O início da colheita apresenta a Deusa que nutre. A energia amadurecida começa a se tornar alimento e fruto do trabalho. A celebração aproxima fertilidade e responsabilidade pelo que foi cultivado.

Esses quatro sabás formam o arco em que o potencial da Deusa possui maior destaque na leitura taliesiniana. Sua sequência oferece uma relação entre despertar, criar, alcançar o auge e nutrir. A vida se amplia, mas permanece inserida numa totalidade que inclui mudança, entrega e retorno. Celebrar cada marco permite perceber a singularidade do momento sem perder a continuidade com os outros.





O recolhimento • Mabon a Imbolc

Mabon • Equilíbrio e introspecção. O encontro entre luz e escuridão abre uma mudança de direção. O Deus orienta o recolhimento e a percepção do que foi vivido. O equinócio de outono prepara a revisão e a entrega próprias do arco descendente.

Samhain • Transição. O Deus guia as almas e participa do fechamento do ciclo. A morte e a passagem se tornam imagens centrais da experiência. O apogeu e o declínio do outono conduzem ao encontro com outros aspectos da existência e de seus mistérios.

Yule • Renascimento. O retorno do Deus é simbolizado pela chama que reaparece depois da escuridão. A noite mais longa do inverno oferece o cenário para celebrar o Sol renascente. No Hemisfério Sul, essa referência encontra o solstício de junho.

Imbolc • Purificação e preparação. O fogo do Deus traz clareza e inspiração. A força ainda em amadurecimento prepara o caminho para uma nova expansão. O apogeu e o declínio do inverno permitem perceber a passagem que já se anuncia no recolhimento.

Mabon, Samhain, Yule e Imbolc compõem o arco em que a energia do Deus recebe maior ênfase. A sequência apresenta revisão, encerramento, retorno e preparo. A morte não encerra a Roda, assim como o renascimento não elimina a necessidade de amadurecer. Cada celebração ocupa um lugar na continuidade que liga os mistérios sazonais ao trabalho íntimo.





Celebrar a continuidade

A Roda inteira oferece um vínculo com a natureza em transformação. Quando acompanhamos apenas uma festa, podemos conhecer um de seus emblemas; quando reconhecemos a sequência, percebemos como cada estado prepara outro. O caminho se torna uma experiência de passagem, em que a energia muda e pede maneiras diferentes de presença.

O pano de fundo da Wicca relaciona as presenças da Deusa e do Deus ao ciclo da vida. As adaptações podem modificar nomes, referências culturais e panteões, mantendo o sentido ritual. Na Tradição de Taliesin, o fogo unifica esse movimento e a alternância divina oferece um mapa de renovação.

Conhecer o modelo herdado é importante para compreender o que ele expressa e o que precisará ser ajustado ao lugar em que vivemos. As correspondências temperadas não descrevem integralmente todas as regiões brasileiras. A paisagem local exige observação e respeito, para que a prática encontre a natureza efetivamente presente.

Esta etapa apresenta a estrutura simbólica e os temas dos oito sabás. Ela não acrescenta um exercício numerado ou modifica as práticas já propostas. Os ritos e os preparos devem ser compreendidos em continuidade com o Círculo e com as orientações da formação.

Na próxima apostila, o estudo seguirá para uma adaptação ao Sudeste brasileiro. A água, as chuvas, a estiagem e a diversidade do território ampliarão o trabalho sobre o calendário. Essa continuidade permitirá perceber como uma tradição viva conserva seus mistérios enquanto encontra outros modos de dialogar com o mundo que habita.





Referências e continuidade

Base desta formação

LOURENÇO, Sérgio. *O Caldeirão & a Espada: O Caminho Taliesiniano de Wicca*. Manuscrito fornecido pelo autor. Lição “A Roda do Ano”: fundamentos, quatro Marés de Poder e alternância entre Deusa e Deus nos oito sabás, até a introdução da adaptação ao Sudeste brasileiro. Conteúdo reescrito e organizado para esta formação. O esquema dos hemisférios foi extraído da fonte.

Leitura mencionada

VALIENTE, Doreen. *Enciclopédia da Bruxaria*. Madras, 2009, p. 374. Referência autoral para as interpretações do termo sabá, apresentadas aqui em paráfrase.

Correspondências e calendário

Os períodos sazonais e os signos preservam as referências da fonte para o Hemisfério Sul. Os intervalos são aproximados, não um calendário astronômico de um ano específico. O esquema original traz Imbolc em 2 de agosto e Lughnasadh em 2 de fevereiro no Sul; a proposta brasileira seguinte emprega 1 de agosto e 1 de fevereiro. As duas referências pertencem às apresentações distintas do material autoral.

As aproximações entre festas cristãs e pagãs, as hipóteses sobre a palavra sabá e as associações ancestrais foram mantidas como interpretações da fonte. Não se apresentam como uma reconstrução historiográfica única das culturas mencionadas.

Próxima etapa

Apostila 12 · A Roda do Ano no Brasil. O percurso continuará com a adaptação ao Sudeste, o mito da Deusa e do Deus nesse território e as relações entre natureza, astrologia e celebração. A numeração dos exercícios permanece em continuidade com os Exercícios 1-7 já apresentados.

